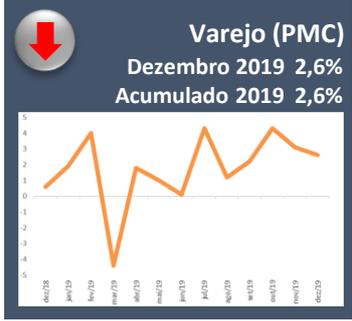
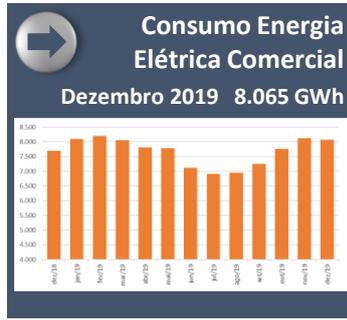
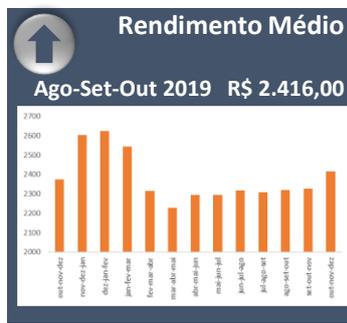
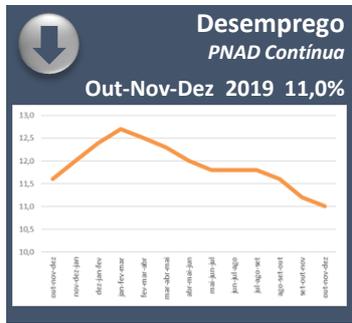
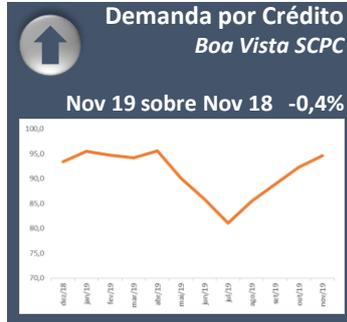


Dashboard



Vale a pena observar

A confiança do empresário do comércio (CNC) atingiu 126,6 pontos, alta de 2,0% em relação a dezembro, a quinta consecutiva, e o maior índice para meses de janeiro desde 2013. A maioria dos empresários (57,6%) segue percebendo que as condições atuais da economia estão melhores do que há um ano, o que não ocorria desde abril de 2019, assim como 53,4% deles mostraram intenção de aumentar seus investimentos, o que não acontecia desde junho de 2014.

Ambiente Econômico

Impacto do Corona vírus na economia brasileira

Já começam a ser divulgados alguns estudos que visam dimensionar o impacto da atuação do Corona Vírus na China e seus reflexos na economia brasileira.

O primeiro grande impacto que acontecerá ao longo do ano é a própria redução do PIB Chinês, antes estimado em 6,0% e agora reduzido para 5,4% pelo Banco Itaú. O Mundo já sabe que menor crescimento na China implica em menores importações por aquele mercado e, por consequência, países que ficarão com sobra de produção de bens ou commodities, como é o caso do Brasil. A sensibilidade deste impacto poder ser dada se considerarmos que em 2003, quando da epidemia do SARS a China participava em 4% do PIB Global e agora em 2019, participa com 16%.

O Brasil tinha em 2003, 7,1% do total de suas exportações para a China e agora em 2019, este índice chega a 29%, mostrando a relevância daquele mercado, em especial para as commodities brasileiras.

É importante ressaltar que a China é um parceiro importante para o Brasil em relação às suas exportações para o nosso país. Desta forma, a redução da atividade industrial naquele país pode significar a diminuição de entrada no Brasil de chips, circuitos integrados, e outras partes e peças que vão se transformar em celulares, máquinas de lavar, televisores e diversos equipamentos, inclusive industriais, por aqui. Especialmente linha branca e linha marrom podem ter suas linhas de produção afetadas no Brasil. Segundo a ABINEE, duas semanas após a eclosão dos problemas com o vírus, 52% das empresas associadas já apresentavam algum tipo de ruptura, sendo que 22% das empresas poderiam ser paralisadas caso a entrada de peças não fosse retomada, uma vez que o estoque destes produtos, em geral, não supera 20 dias, considerando o fluxo constante.

A região de Hubei, onde está localizada a cidade de Wuhan, epicentro da epidemia é um importante centro de produção automotiva.

A falta de produtos e as questões cambiais podem significar impactos consideráveis nos preços destas categorias de produtos no país.

Situações como esta costumam colocar à prova a capacidade de superação por parte das indústrias, bem como questionar as suas políticas de abastecimento. Vamos aguardar um pouco mais para conseguir avaliar as reais e definitivas interferências desta crise sanitária global, com os rumos do consumo no Brasil.

Destaques do Mês

Sindicalização I

Em 2018, dos 92,3 milhões de pessoas ocupadas, 12,5% (11,5 milhões de pessoas) estavam associadas a algum sindicato, atingindo, portanto, o menor percentual de sindicalização desde 2012.

Sindicalização II

Em relação a 2017, quando a taxa era de 14,4%, houve redução de 1,5 milhão de trabalhadores sindicalizados no país.

Sindicalização III

Todas as categorias tiveram redução na taxa de sindicalização na série história. A maior queda foi a de empregador, que passou de 15,6%, em 2017, para 12,3% em 2018, seguido por trabalhador do setor privado com carteira assinada, com queda de 3,1 p.p.

Indústria

Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física - IBGE

Em Dezembro 2019, a Indústria encolheu 1,2% em comparação com Dezembro de 2018. Em relação a Novembro de 2019 caiu 0,7%.

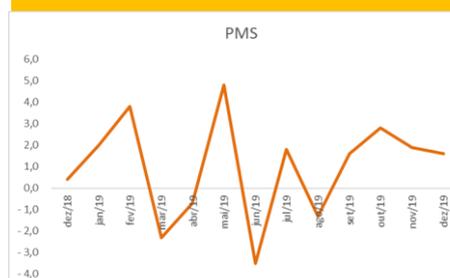


Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias com -4,7% e Máquinas e Equipamentos com -4,7% foram os piores desempenhos

Serviços

Pesquisa Mensal de Serviços - IBGE

Prossegue a variação positiva no setor de Serviços. O acumulado do ano é positivo em 1,0%. Em Dezembro de 2019, o índice foi 1,6% maior do que em Dezembro de 2018.



Pela primeira vez em quatro anos o setor de serviços mostra crescimento no ano.

Desde setembro de 2019 o indicador relativo aos últimos 12 meses se mostra positivo

A desocupação não igualitária

A taxa de desocupação no último trimestre do ano passado atingiu 11,0% segundo a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Este é o índice para o Brasil como um todo. A Pesquisa porém, permite que se recorte a visão regional e estadual.

Enquanto que em Santa Catarina este índice é de 5,3%, muito próxima da taxa verificada nos EUA que é de 3,6%, ressalvadas as devidas considerações e diferenças, na Bahia o índice atingiu 16,4%, seguido por Amapá com 15,6%, Sergipe e Roraima com 14,8%.

Estas diferenças entre as taxas explicitam que o desemprego tem relação direta com o nível educacional e com o tipo de economia praticado em cada Estado brasileiro. Enquanto em Santa Catarina o índice de analfabetos é o menor do país com 2,5% da população, na Bahia este índice é de 12,7%, no Amapá 6,0%, Sergipe com 13,9% e Roraima com 6,1%.

Independentemente do viés político, quando a sociedade brasileira vai perceber que apenas com investimentos maciços em educação o país poderá resolver a grande maioria de seus problemas? É preciso assumir-se que este é um projeto de país e não de um ou outro partido político e que deverá se perpetuar, muito provavelmente, por décadas, e consequentemente por mandatos, assim como feito em países como Irlanda e Coréia do Sul, com programas de mais de trinta anos de duração. Fica a indagação no ar.